

SÉRIE HOUSE OF NIGHT

Bestseller do *The New York Times* com mais de 10 milhões de livros vendidos no mundo

Queimada



P.C. Cast e Kristin Cast

Queimada

The House of Night
Livro

7

P.C. Cast e Kristin Cast

Queimada

The House of Night

Livro

7

Tradução
JOHANN HEYSS


SÃO PAULO 2010

Burned
Copyright © 2010 by P.C. Cast and Kristin Cast
All rights reserved.
Copyright © 2010 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Equipe Novo Século
Editoração Eletrônica: Sergio Gzeschnik
Capa: Genildo Santana - Lumiar Design
Tradução: Johann Heyss
Preparação de Texto: Bel Ribeiro
Revisão de Texto: Alessandra Kormann
Diagramação para ebook: Janaína Salgueiro

Queimada, livro 7 / P. C. Cast e Kristin Cast;
tradução Johann Heyss. –
Osasco, SP: Novo Século Editora, 2010. –
(Série the house of night)

Título original: Burned.

1. Ficção – Literatura norte-americana
I. Cast, Kristin. II. Título III. Série

10-11304
CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

2010
IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.
Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2º andar
CEP 06023-010 – Osasco – SP
Fone (11) 3699-7107 – Fax (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

P.C.: Este é para o meu Guardião. Eu te amo.

Kristin: (Ela quer dizer você, “Shawnus.”)

Agradecimentos

P. C.:

Este livro não teria sido possível se três homens muito especiais não tivessem me desvelado suas histórias, suas vidas e seus corações. Tenho muito o que agradecer a Seoras Wallace, Alain Mac au Halpine e Alan Torrance. Qualquer possível erro ao transformar em ficção e recontar os mitos escoceses-irlandeses é meu, apenas meu. Guerreiros, eu lhes agradeço. E tem mais: OBRIGADA, Denise Torrance, por me proteger de toda a testosterona do clã dos Wallace!

Quando estive pesquisando a Ilha de Skye, meu lar foi a encantadora Toravaig House. Eu gostaria de agradecer a toda a equipe local por tornar minha estada mais agradável – apesar de eles não poderem fazer nada quanto à chuva!

Às vezes, preciso entrar naquilo que meus amigos e familiares chamam de “toca da escritora” para terminar um livro. Foi o caso de *Queimada*, e minha toca ficou bastaaaante confortável, graças a Paawan Arora, do Grand Cayman Ritz Carlton, bem como Heather Lockington e sua maravilhosa equipe, no incrível Cotton Tree (www.caymancottontree.com). Muito, muito obrigada por me ajudar a fazer de Cayman meu segundo lar e esconderijo do mundo para poder escrever, escrever e escrever.

Usei um pouquinho de galês neste livro. Sim, é difícil de pronunciar (mais ou menos tipo Cherokee), e há muitas versões diferentes da língua (também tipo a língua Cherokee). Com a ajuda de meus experts escoceses, usei o galês principalmente das antigas línguas dalriada e galovidiana da costa leste da Escócia e da costa nordeste da Irlanda. Esse dialeto costuma ser chamado de gal-galês ou galgael. Qualquer distorção é culpa minha.

Kristin:

Agradeço ao treinador Mark, do Campo de Treinamento Tulsa, e ao Precision Body Art por me ajudarem a me sentir forte, bonita e poderosa.

E agradeço a The Shawnus por me dar paz e tranquilidade!

Ambas:

Como sempre, agradecemos à nossa equipe na St. Martin's Press: Jennifer Weis, Matthew Shear, Anne Bensson, Anne Marie Tallberg e a maravilhosa equipe de design gráfico que sempre apresenta capas espetaculares! NÓS AMAMOS A ST. MARTIN'S PRESS!

Agradecemos à MK Advertising pelo ótimo trabalho nos websites www.pccast.net e www.houseofnightseries.com. Como sempre, Kristin e eu gostaríamos de expressar nosso amor e gratidão à nossa maravilhosa agente e amiga Meredith Bernstein. *A Morada da Noite* não existiria sem ela.

E, finalmente, agradecemos muito a nossos fãs tão leais. Vocês todos são simplesmente O Máximo!

Kalona

Kalona levantou as mãos. Não hesitou. Não havia a menor dúvida em sua mente sobre o que fazer. Não permitiria que nada nem ninguém entrasse em seu caminho, e aquele garoto humano estava se interpondo entre ele e aquilo que era seu desejo. Não fazia questão de matar o garoto e tampouco que permanecesse vivo. Era simplesmente uma necessidade. Não sentiu remorso nem arrependimento. Como tinha sido a norma ao longo dos séculos desde que ele caíra, Kalona *sentia* pouquíssimo. Então, com total indiferença, o imortal alado torceu o pescoço do garoto e pôs fim à sua vida.

– *Não!*

A angústia transmitida por aquela única palavra congelou o coração de Kalona. Ele soltou o corpo sem vida do garoto e se virou a tempo de ver Zoey correndo em sua direção. Seus olhos se encontraram. Nos dela havia desespero e ódio. Nos dele, uma impossível negação do óbvio. Ele tentou formular as palavras que a fariam entender e quem sabe perdoá-lo. Mas não havia nada que pudesse dizer para mudar o que ela vira. E, mesmo que pudesse fazer o impossível, já não havia mais tempo.

Zoey atirou sobre ele toda a força do elemento espírito.

O imortal foi atingido com uma força além da matéria. O espírito era sua essência, seu âmago, o elemento que o sustentara por séculos e com o qual sempre se dera melhor e que sempre o tornara mais poderoso. O ataque de Zoey o extinguiu. A força que o levantara era tão grande que o atirou por sobre o enorme muro de pedra que separava a ilha dos vampiros e o Golfo de Veneza. Foi engolfado e asfixiado pela água gelada. Houve um momento em que a dor dentro de Kalona foi tão terrível que ele parou de lutar. Talvez devesse deixar que se acabasse aquela terrível luta pela vida e seus ornamentos. E talvez devesse se permitir ser vencido por ela. Mas, menos de um segundo depois de pensar isso, ele *sentiu*. A alma de Zoey se despedaçou e, assim como sua queda o transportara de uma dimensão a outra, o espírito de Zoey partira deste mundo.

Tomar ciência daquilo era um golpe muito pior do que o que ela lhe desferira. Zoey não! Ele jamais quisera machucá-la. Apesar de todas as tramoias de Neferet, em meio a todas as manipulações e planos da Tsi Sgili, ele se agarrava firme à certeza de que, apesar de tudo, usaria seus vastos poderes de imortal para garantir a segurança de Zoey, pois, no final das contas, ela era o mais próximo que ele conseguiria chegar de Nyx nesta dimensão – e esta era a única dimensão que lhe restava.

Lutando para se recuperar do ataque de Zoey, Kalona levantou seu corpo avantajado das ondas fortes e assimilou a verdade. Por causa dele, o espírito de Zoey se fora, o que significava que ela ia morrer. Ao aspirar a primeira golfada de ar, soltou um violento berro de desespero, reverberando a última palavra de Zoey.

– *Não!*

Kalona acreditara *mesmo*, desde sua queda, que não tinha mais sentimentos de verdade? Fora tolo, equivocara-se, estivera profundamente errado. Ele emergiu todo esfarrapado e foi bombardeado por diversas emoções que lhe racharam o espírito já ferido, enfurecendo-se com ele, enfraquecendo-o, sangrando-lhe o coração. Com a visão turva e embaçada, olhou para o outro lado da lagoa, apertando os olhos para ver as luzes que anunciavam a terra. Jamais conseguiria chegar lá. Tinha de voltar para o palácio. Ele não tinha escolha. Usando suas últimas reservas de força, Kalona bateu as asas contra o ar gélido, voando por sobre o muro e caindo sobre a terra congelada.

Ele não sabia quanto tempo passara na fria escuridão da noite despedaçada enquanto as emoções lhe subjugavam a alma abalada. Em algum recôndito remoto de sua mente, ele sentia a familiaridade do que lhe acontecera. Ele havia caído de novo, só que desta vez havia sido mais o espírito do que o corpo – apesar de seu corpo aparentemente ter deixado de obedecer a seus comandos.

Ele sentiu sua presença antes de ela falar. Desde o começo, tinha sido assim entre eles dois, quisesse ele ou não. Eles simplesmente sentiam um ao outro.

– Você deixou Stark vê-lo matando o garoto! – a voz de Neferet era mais frígida do que o mar de inverno.

Kalona levantou a cabeça para ver mais do que o salto agulha do sapato dela. Ele a fitou, piscando os olhos para tentar enxergar melhor.

– Acidente – ele encontrou sua voz novamente e conseguiu fazer soar um sussurro enfraquecido. – Não era para Zoey estar lá.

– Acidentes são inaceitáveis, e não me importo nem um pouco se ela estava lá. Na verdade, até que é conveniente ela ter visto.

– Você sabe que a alma dela foi despedaçada? – Kalona odiava aquela fraqueza nada natural em sua voz e aquela letargia esquisita em seu corpo, quase tanto quanto odiava o efeito que a beleza gelada de Neferet exercia sobre ele.

– Creio que a maioria dos vampiros que estão na ilha já saiba. Como é típico de Zoey, seu espírito não partiu de modo muito discreto. Mas me pergunto quantos vampiros também sentiram o golpe que a pirralha lhe deu antes de partir – pensativa, Neferet tamborilou uma das unhas compridas e afiadas no queixo.

Kalona permaneceu em silêncio, lutando para se equilibrar e reestruturar o espírito arrasado, mas a terra sob seu corpo era real demais, e ele não tinha forças para se levantar e alimentar sua alma com os vestígios nebulosos do Mundo do Além que flutuavam por lá.

– Não, acho que ninguém sentiu – Neferet continuou com seu tom mais frio e calculista. – Nenhum deles tem ligação com as Trevas *nem com você* como eu tenho. Não é, meu amor?

– Nós temos uma ligação única – Kalona conseguiu dizer, apesar de desejar que aquelas palavras não representassem a verdade.

– De fato... – ela respondeu, ainda distraída com os próprios pensamentos. Então Neferet arregalou os olhos ao se dar conta de algo. – Faz tempo que me pergunto como A-ya conseguiu ferir logo *você*, um imortal fisicamente tão poderoso, a ponto de aprisioná-lo com aqueles ridículos trapos Cherokees. Acho que a Zoeyzinha acaba de me dar a resposta que você escondeu tão cuidadosamente. Seu corpo *pode* ser atingido, mas só através do espírito. Não é fascinante?

– Eu vou ficar bom – ele pôs o máximo de força que podia na voz. – Leve-me de volta ao castelo em Capri. Leve-me para o telhado, para o mais perto possível do céu, e eu recobrarei as forças.

– Imagino que sim, caso eu estivesse propensa a fazer isso. Mas tenho outros planos para você, meu amor – Neferet levantou os braços sobre ele. Enquanto falava, ela começou a gesticular com os longos dedos no ar, criando

formas intrincadas, como se fosse uma aranha tecendo sua teia. – Eu não vou permitir que Zoey se meta entre nós de novo.

– Uma alma despedaçada é uma sentença de morte. Zoey não é mais uma ameaça para nós – ele disse. Kalona observou Neferet com olhos críticos. Envolvia-a uma escuridão que ele conhecia bem demais. Passara vidas inteiras combatendo as Trevas antes de abraçar seu gélido poder. As Trevas pulsavam e adejavam sob os dedos dela, familiares e incansáveis. *Ela não devia poder comandar as Trevas de modo tão tangível.* O pensamento lhe veio como o eco de sinos fúnebres em sua mente exaurida. *Uma Grande Sacerdotisa não devia ter esse poder.*

Mas Neferet já não era mais apenas uma Grande Sacerdotisa. Já fazia algum tempo que ela havia extrapolado os limites e não tinha nenhuma dificuldade em controlar as Trevas que invocava.

Ela está se tornando imortal, Kalona percebeu. E então o medo se juntou ao arrependimento, ao desespero e à raiva que já ferviam em silêncio no interior do guerreiro *caído* de Nyx.

– Alguns acham que seria uma sentença de morte – Neferet falou calmamente enquanto desenhava mais e mais tramas negras no ar –, mas Zoey tem o lamentável hábito de sobreviver. Desta vez, vou cuidar pessoalmente de sua morte.

– A alma de Zoey também tem o hábito de reencarnar – ele respondeu, lançando a isca para tentar desviar o foco de Neferet.

– Então a matarei repetidas vezes! – a concentração de Neferet apenas aumentou com a raiva causada pelas palavras de Kalona. A escuridão que ela projetava se intensificou, latejando de poder na atmosfera ao redor de si.

– Neferet – ele tentou alcançá-la ao chamá-la pelo nome. – Você sabe mesmo o que está tentando controlar?

Ela olhou nos olhos dele e, pela primeira vez, Kalona viu a mancha escarlate aninhada no breu dos seus olhos.

– Claro que sei. É o que os seres inferiores chamam de “mal”.

– Eu não sou um ser inferior, e por muito tempo também assim chamei.

– Ah, mas faz séculos que não chama mais – ela deu uma risada maligna.

– Mas parece que ultimamente você tem vivido demais nas sombras do passado, ao invés de se regozijar com o encantador poder das Trevas do presente. E eu sei de quem é a culpa.

Fazendo um esforço tremendo, Kalona se sentou.

– Não. Eu não quero que você se mexa – Neferet mexeu um dedo em sua direção e um fio de breu se enrolou em seu pescoço, apertou-o e o jogou de novo no chão.

– O que você quer de mim?

– Que você siga o espírito de Zoey no Mundo do Além e não deixe que nenhum de seus *amigos* – ela pronunciou a palavra com desprezo – consiga arrumar um jeito de fazer seu corpo voltar à vida.

O imortal ficou perplexo.

– Nyx me banuiu do Mundo do Além. Não posso seguir Zoey.

– Ah, aí é que você se engana, meu amor. Sabe, você pensa de modo literal demais. Nyx o expulsou, você caiu, não pode voltar. Faz séculos que você acredita nisso. Bem, *voce*, literalmente falando, não pode – ela soltou um suspiro dramático enquanto ele a fitava sem entender nada. – Seu lindo corpo foi banido, só isso. Por acaso Nyx falou algo sobre sua alma imortal?

– Ela não precisa dizer. Se uma alma se separa do corpo por tempo demais, o corpo morre.

– Mas seu corpo não é mortal e, sendo assim, pode ficar separado do corpo indefinidamente sem morrer – ela respondeu.

Kalona se esforçou para não demonstrar o terror que sentiu ao ouvir aquelas palavras.

– É verdade que não posso morrer, mas isso não significa que eu sobreviva ileso se o espírito deixar meu corpo por muito tempo – *eu posso envelhecer... enlouquecer... me transformar em uma eterna concha vazia de mim mesmo...* As possibilidades giraram em sua mente.

Neferet deu de ombros.

– Então você terá que terminar sua tarefa logo para poder retornar a seu lindo corpo imortal antes que lhe aconteça algum dano irreparável – ela sorriu sedutoramente. – Eu detestaria que algo acontecesse com seu corpo, meu amor.

– Neferet, não faça isso. Você está acionando princípios que exigirão sua paga, e você não vai querer encarar as consequências.

– *Não* me ameace! Eu o libertei da prisão. Eu o amei. E então vi você se engraçar para uma adolescente mortal. Eu quero que ela suma da minha vida! Consequências? Eu as recebo! Não sou nenhuma Grande Sacerdotisa fraca e ineficaz que deve obediência a Deusa nenhuma. Você não entende isso? Será que aquela garota lhe virou tanto a cabeça que preciso lhe dizer isso para você

entender? Eu sou tão imortal quanto você, Kalona! – a voz de Neferet soou espectral e carregada de poder. – Nós combinamos perfeitamente. Você também achava isso e vai voltar a achar quando Zoey Redbird for destruída.

Kalona olhou fixo para ela, entendendo que Neferet estava completamente louca de fato, e se perguntou por que essa loucura só aumentava seu poder e intensificava sua beleza.

– Então foi isso que resolvi fazer – ela continuou, falando metodicamente. – Vou manter seu corpo sexy e imortal enfiado debaixo da terra enquanto sua alma viaja ao Mundo do Além e providencia para que Zoey jamais retorne.

– Nyx não vai permitir! – Kalona falou antes de pensar.

– Nyx sempre permite o livre-arbítrio. Como sua ex-Grande Sacerdotisa, sei perfeitamente bem que ela vai permitir que você viaje *em espírito* ao Mundo do Além – Neferet disse manhosamente. – Lembre-se, Kalona, meu verdadeiro amor, se você matar Zoey, estará removendo o último impedimento para ficarmos juntos. Você e eu teremos um poder inimaginável neste mundo de maravilhas. Pense nisso. Subjugaremos os humanos e restabeleceremos o reino dos vampiros com toda a beleza, paixão e poder ilimitado que isso implica. A Terra será nossa. Nós daremos nova vida ao glorioso passado!

Kalona sabia que ela estava querendo atingir seu ponto fraco. Amaldiçoou a si mesmo em silêncio por ter permitido que ela o conhecesse tão profundamente. Ele confiara nela, e assim Neferet sabia que, por não ser Erebus, ele não poderia jamais governar com Nyx o Mundo do Além. E ela sabia também do desejo insano que ele tinha de poder recriar neste mundo moderno o que pudesse recuperar daquilo que perdera.

– Sabe, meu amor, se parar para pensar não há nada mais lógico do que você seguir Zoey e cortar a ligação entre sua alma e seu corpo. Fazer isso implica realizar seus mais íntimos desejos – Neferet falou com ligeira indiferença, como se estivesse falando sobre o tecido de seu vestido.

– E como vou achar a alma de Zoey? – ele tentou acompanhar seu tom prático. – O Mundo do Além é um vasto domínio, apenas os Deuses e Deusas podem percorrê-lo.

A expressão vazia de Neferet ganhou traços tensos, tornando difícil admirar sua beleza estonteante.

– Não finja que sua alma não está ligada à dela! – a Tsi Sgili imortal respirou fundo e prosseguiu em tom mais controlado: – Admita, meu amor, mesmo que ninguém consiga achar Zoey, você consegue. Então, qual é sua escolha, Kalona? Dominar a Terra ao meu lado ou continuar escravo do passado?

– Escolho dominar. Eu sempre escolho dominar – ele respondeu sem hesitar.

Assim que falou, os olhos de Neferet mudaram. O verde se deixou tomar totalmente pelo escarlate. Ela voltou suas órbitas faiscantes para ele, observando-o, aprisionando-o, hipnotizando-o.

– Então me ouça, Kalona, guerreiro caído de Nyx. Juro manter seu corpo fora de perigo. Quando Zoey Redbird, novata e Grande Sacerdotisa de Nyx, estiver morta, juro remover essas correntes de breu e permitir a volta de seu espírito. Então o levarei para o topo de nosso castelo em Capri e deixarei o céu lhe soprar força e vida para que você venha a dominar este mundo como meu consorte, meu protetor, meu *Erebus* – incapaz de impedi-la, Kalona viu Neferet arranhar a palma da mão direita com a unha afiada. Abarcando o sangue que se empoçou na palma, ela levantou a mão em oferta: – Pelo sangue, clamo este poder; pelo sangue, firmo este juramento! – ao seu redor, as Trevas se mexeram e desceram à sua palma, retorcendo-se, tremendo, sorvendo. Kalona sentiu o clamor das Trevas. Elas falavam à sua alma com sussurros sedutores e poderosos.

– *Sim!* – a palavra saiu gemida do fundo da garganta de Kalona ao se render às Trevas sedentas.

Neferet continuou com a voz amplificada e cheia de poder: – Por sua própria escolha, selo este juramento de sangue com as Trevas, mas se você fracassar...

– Não vou!

O sorriso de Neferet foi de uma beleza sobrenatural; seus olhos se inflamaram de sangue.

– Se você, Kalona, guerreiro caído de Nyx, fracassar em sua promessa de destruir Zoey Redbird, novata Grande Sacerdotisa de Nyx, eu dominarei seu espírito enquanto imortal você for.

As palavras que ele disse em resposta foram espontâneas, incitadas pela sedução das Trevas que ele preferiu por séculos ao invés da Luz: – Se eu fracassar, você dominará meu espírito enquanto imortal eu for.

– E assim está jurado! – Neferet fez outro corte na palma da mão, traçando um “x” na carne. O cheiro de cobre atingiu as narinas de Kalona como fumaça subindo do fogo, enquanto ela novamente levantou a mão para as Trevas. – Que assim seja! – o rosto de Neferet se retorceu de dor enquanto as Trevas voltavam a beber seu sangue; mas ela não se mexeu: permaneceu imóvel enquanto o ar pulsava ao seu redor, inflado pelo sangue e pelo juramento.

Só então ela abaixou a mão. Pôs a língua serpentiforme para fora e lambeu a linha escarlate, pondo fim ao sangramento. Neferet foi até Kalona, curvou-se e levou as mãos delicadamente ao rosto dele, da mesma forma como ele segurara o rosto do garoto humano antes de desferir o golpe mortal. Ele sentiu as Trevas vibrando ao redor e dentro dela, como se fossem um touro raivoso esperando ansiosamente pelo comando de sua senhora.

Os lábios avermelhados de sangue de Neferet pararam pouco antes de tocar os dele.

– Pelo poder que corre em meu sangue e pela força das vidas que ceifei, eu lhes ordeno, meus deliciosos fios de Trevas, que removam do corpo a alma Sob Juramento deste imortal e a lancem no Mundo do Além. Em troca da obediência às minhas ordens, juro que lhes ofertarei em sacrifício uma vida inocente que ainda não conseguiram ceifar. Que assim seja, e assim será!

Neferet respirou fundo, e Kalona viu os fios de breu que ela invocara lhe roçarem os lábios vermelhos e fartos. Ela aspirou as Trevas até ser por elas preenchida e então cobriu a boca de Kalona com a dela e, naquele beijo lúgubre manchado de sangue, ela soprou as Trevas para dentro dele com tanta força que lhe arrancou do corpo a alma já abatida. Enquanto sua alma se retorcia em agonia silenciosa, Kalona foi forçado a subir, subir, até alcançar o reino de onde fora banido por sua Deusa, largando assim seu corpo sem vida, acorrentado ao Juramento pelas forças do mal e à mercê de Neferet.

Rephaim

A sonora batida de tambor era como o batimento cardíaco de um imortal: infindável, absorvente, avassalador. A batida ecoava na alma de Rephaim junto com a pulsação de seu sangue. Então, ao ritmo do tambor, as antigas palavras foram tomando forma. Elas envolveram seu corpo de modo que, mesmo estando adormecido, sua pulsação se harmonizou com aquela remota melodia. Em seu sonho, as mulheres cantavam:

*Ancestral adormecido, esperando para despertar
Quando o poder da terra sangra em sagrado vermelho
A marca atinge a verdade; a Rainha Tsi Sgili irá tramar
Ele será levado de seu leito de morte*

A canção era sedutora, parecia um labirinto com suas voltas sem fim.

*Pelas mãos dos mortos ele se liberta
Beleza terrível, visão monstruosa
Eles haverão de ser regidos outra vez
As mulheres hão de se curvar à sua misteriosa força*

A música era como um sussurro de sedução. Uma promessa. Uma bênção. Uma maldição. A lembrança da história contada pela canção fez Rephaim remexer seu corpo adormecido. Ele trocou de posição e, como uma criança abandonada, perguntou, murmurando, uma só palavra: – Pai?

A melodia acabava com a rima que Rephaim decorara séculos atrás:

*Doce é a canção de Kalona
Enquanto assassinamos com um calor gelado*

– ... assassinamos com um calor gelado – mesmo dormindo, Rephaim repetiu as palavras. Não acordou, mas seu coração começou a bater mais forte;

cerrou os punhos e sentiu os músculos se retesando pelo corpo inteiro. No limiar entre o sono e o despertar, a batida pareceu gaguejar e parou, e as suaves vozes femininas foram substituídas por uma voz profunda e extremamente familiar.

– *Traidor... covarde... desleal... mentiroso!* – a voz masculina tinha um tom de condenação. Com sua ladainha de cólera, a voz invadiu o sonho de Rephaim e o arrastou de volta ao mundo real.

– Pai! – Rephaim se levantou, agitado, espalhando os papéis e pedaços de cartolina que usara para fazer um ninho ao seu redor. – Pai, o senhor está aqui?

Ele vislumbrou um relance de movimento com o canto do olho e impulsionou o corpo para a frente para ver melhor, batendo com a asa quebrada no armário de cedro no fundo do qual se aninhara.

– Pai?

Seu coração já lhe avisara que não era Kalona quem estava lá antes mesmo de o vapor de luz e movimento ganhar a forma de uma criança.

– *O que é você?*

Rephaim concentrou seu olhar ígneo sobre a garota: – Suma, fantasma.

Em vez de sumir como deveria, a garota o fitou com olhos intrigados.

– *Você não é pássaro, mas tem asas. E não é garoto, mas tem braços e pernas. E seus olhos também são de garoto, só que vermelhos. Então, você é o quê?*

Rephaim foi tomado pela cólera. Com um lampejo de movimento que lhe causou uma dor incandescente que irradiou pelo corpo inteiro, ele saltou do armário, pousando a cerca de um metro do fantasma, ameaçador, perigoso, defensivo.

– Eu sou um pesadelo vivo, espírito! Vá embora e me deixe em paz antes de aprender que há coisas bem piores do que a morte para se temer.

A criança fantasma reagiu ao seu movimento repentino dando um pequeno passo para trás, de modo que seu ombro roçou na vidraça da janela, que não era das mais altas. Mas parou lá mesmo e continuou observando-o com um olhar curioso e inteligente.

– *Você chamou seu pai quando estava dormindo. Eu ouvi. Não pense que me engana. Sou esperta mesmo, e me lembro das coisas. E tem mais, você não me mete medo, porque na verdade você está machucado e sozinho.*

Então o fantasma da garota cruzou os braços de modo petulante sobre o peito magro, jogou os longos cabelos louros para trás e sumiu, deixando

Rephaim bem como ela dissera, machucado e sozinho. Seus punhos cerrados relaxaram. Seu batimento cardíaco desacelerou. Rephaim se arrastou pesadamente de volta para seu ninho improvisado e repousou a cabeça junto à parede do armário atrás de si.

– Patético – ele murmurou em voz alta. – O filho favorito de um imortal ancestral chegar ao ponto de se esconder e ficar de conversa com o fantasma de uma menina – ele tentou rir, mas não conseguiu. O eco da música de seu sonho, do seu passado, ainda estava alto demais no ar que o cercava. Assim como a outra voz, aquela que ele seria capaz de jurar que era de seu pai.

Ele não podia continuar sentado. Ignorando a dor em seu braço e o estado deplorável de sua asa, Rephaim ficou em pé. Ele odiava a fraqueza que lhe impregnava o corpo. Quanto tempo fazia que estava lá, machucado, exaurido por causa do voo da estação abandonada e todo encolhido naquele caixote? Não conseguia se lembrar. Um dia se passara? Dois?

Onde ela estava? Ela dissera que voltaria a procurá-lo à noite. E lá estava ele, no lugar para onde Stevie Rae o mandara. Anoitecera, e ela não veio.

Ele emitiu um som como quem está com raiva de si mesmo, saiu do ninho dentro do armário, passou pelo peitoril da janela em frente à qual a garota se materializara e seguiu em direção à porta que dava para a varanda da cobertura. O instinto o levava ao segundo andar da mansão abandonada logo após o amanhecer, quando chegara. Até mesmo sua grande reserva de forças tinha de acabar em algum momento, e quando aconteceu, tudo que ele queria era sono e segurança.

Mas agora estava bem acordado. Ele olhou para a área esvaziada do museu. Após dias a fio de tempestade, o gelo tinha parado de cair, largando em seu rastro, ao redor dos montes ondulantes que abrigavam o Museu Gilcrease e sua mansão abandonada, árvores tortas com galhos partidos. Rephaim enxergava bem à noite, mas não detectou nenhum movimento do lado de fora.

As casas que tomavam conta da área entre o museu e o centro de Tulsa continuavam quase tão sombrias quanto em sua jornada depois do amanhecer. Pequenas luzes pontilhavam a paisagem – nada da eletricidade grandiosa e flamejante que Rephaim aprendera a esperar de uma cidade moderna. Eram apenas velas fracas e vacilantes, nada que se compare à magnificência do poder que este mundo podia apresentar.

Claro que não havia mistério quanto ao que acontecera. Os cabos que levavam energia aos lares dos humanos modernos foram tão atingidos pelo gelo quanto as árvores arrasadas. Rephaim sabia que isso era bom para ele. Tirando os galhos caídos e outros resquícios deixados por ali, as ruas estavam quase transitáveis. Se a grande máquina elétrica não estivesse quebrada, a vida humana retomaria o ritmo normal e a região já estaria infestada de gente.

– A falta de energia elétrica afasta os humanos – ele murmurou consigo mesmo. – Mas o que *a* mantém afastada?

Emitindo um som de genuína frustração, Rephaim abriu a porta dilapidada com violência, procurando automaticamente o céu para lhe acalmar os nervos. O ar estava frio e carregado de umidade. A névoa pairava como um lençol ondulante logo acima da grama invernal, como se a terra estivesse tentando criar uma cortina para manter afastado seu olhar.

Rephaim levantou os olhos e soltou um longo e abalado suspiro. O céu parecia anormalmente brilhante em comparação à cidade escurecida. As estrelas o chamavam, bem como a incisiva silhueta da lua minguante.

Tudo dentro de Rephaim ansiava pelo céu. Ele o queria sob suas asas, passando por seu corpo escuro e emplumado, acariciando-o com o toque de uma mãe que ele jamais conhecera. Sua asa sã se esticou atrás dele, revelando uma extensão equivalente ao tamanho de um homem. Sua outra asa tremeu, e Rephaim soltou o ar noturno que aspirara junto com um gemido agoniado.

Destruído! A palavra lhe cauterizou a mente.

– Não. Isto não é uma certeza – Rephaim falou em voz alta. Ele balançou a cabeça tentando afastar aquela fadiga peculiar que o fazia se sentir cada vez mais desamparado e danificado. – Concentre-se! – censurou a si mesmo. – Está na hora de encontrar meu pai – ele ainda não estava bem, mas sua mente, apesar de exausta, estava mais clara do que nunca desde sua queda. Ele devia conseguir detectar algum traço de seu pai. Não importava o quanto a distância ou o tempo os tivessem separado, eles eram ligados pelo sangue, pelo espírito e especialmente pelo dom da imortalidade, que era dele por direito.

Rephaim levantou os olhos para o céu, pensando nas correntes de ar que estava tão acostumado a singrar. Respirou fundo, levantou o braço sã e esticou a mão, tentando tocar aquelas correntes evasivas e os vestígios da sombria magia do Mundo do Além que nelas esmaecia.

– Traga-me alguma forma de senti-lo! – ele apelou à noite com urgência. Por um momento, pensou ter sentido alguma breve reação, longe, bem longe,

ao leste. Mas, depois, exaustão foi tudo o que conseguiu sentir. – Por que não consigo senti-lo, pai? – frustrado e excepcionalmente exaurido, ele deixou a mão sem forças cair ao lado do corpo.

Exaustão incomum...

– Por todos os deuses! – Rephaim subitamente se deu conta do que lhe havia drenado a força e o reduzido a uma espécie de concha vazia. Sabia o que o impedia de seguir a trilha que seu pai tomara. – Foi ela – sua voz estava dura. Seus olhos flamejaram, rubros. Sim, ele sofrera ferimentos terríveis; mas, como filho de um imortal, seu corpo já devia ter começado o processo de cura. Ele dormira duas vezes desde que o guerreiro o atingira em pleno voo e o fizera cair do céu. Sua mente havia clareado. O sono devia tê-lo revigorado. Mesmo que fosse o caso, como ele suspeitava, de sua asa estar avariada em caráter permanente, o resto de seu corpo devia estar visivelmente melhor. Seus poderes deveriam ter retornado.

Mas a Vermelha bebera seu sangue, *Carimbara-se com ele*. E, ao fazer isso, ela interferira no equilíbrio do poder imortal dentro dele. Brotou raiva onde já havia frustração. Ela o usara e então o abandonara.

Como meu pai fez.

– Não! – ele se corrigiu imediatamente. Seu pai fora expulso pela novata Grande Sacerdotisa. Ele ia voltar quando pudesse, e então Rephaim estaria novamente ao seu lado. Foi a Vermelha quem o usou e descartou.

Por que só de pensar naquilo ele sentia aquela dor curiosa por dentro? Ignorando a sensação, levantou o rosto em direção ao céu tão familiar. Não quisera aquela Carimbagem. Ele só a salvara porque lhe devia a vida, e ele sabia muito bem que um dos verdadeiros perigos deste mundo, bem como do outro, era o poder de uma dívida de vida não paga.

Bem, ela o salvara. Encontrara-o, escondera-o e depois o soltara. Mas no teto da estação abandonada ele quitara a dívida ao ajudá-la a escapar da morte certa. Agora estavam quites. Rephaim era filho de um imortal, não era nenhum humano fraco. E tinha quase certeza de que seria capaz de romper a Carimbagem, este derivado ridículo do ato de salvar a vida dela. Usaria o resto de suas forças para se desfazer dela e, assim, começar a sarar de verdade.

Rephaim inalou o ar noturno uma vez mais. Ignorando a fraqueza em seu corpo, concentrou-se na sua força de vontade.

– Eu invoco o poder do espírito dos imortais ancestrais, que me pertence por direito de nascença, a romper...

Uma onda de desespero se abateu sobre ele, fazendo-o cambalear e bater na grade da varanda. Seu corpo irradiava tanta tristeza, com tanta força, que ele caiu de joelhos. E assim ficou, arfando de dor e de choque.

O que está acontecendo comigo?

Em seguida, um medo esquisito, desconhecido, tomou conta dele, fazendo-o, enfim, entender.

– Estes sentimentos não são meus – disse a si mesmo, tentando encontrar seu ponto de equilíbrio dentro daquele turbilhão de tormento. – Estes sentimentos são *dela* – Rephaim arfou ao sentir a desesperança suceder o medo. Procurando resistir bravamente ao ataque incessante, esforçou-se para ficar em pé, lutando contra as ondas de emoções vindas de Stevie Rae. Cheio de decisão, forçou-se a se concentrar, em meio ao ataque e à exaustão que o bombardeavam sem cessar, e tocou o lugar de poder que jazia trancado e dormente para a maior parte da humanidade; o lugar para o qual seu sangue tinha a chave.

Rephaim começou a invocação mais uma vez. Desta vez, com uma intenção totalmente diferente.

Mais tarde, ele diria que sua reação havia sido automática, que estava sob a influência da Carimbagem, que a coisa tinha sido simplesmente mais poderosa do que esperava. A maldita Carimbagem o fizera acreditar que o modo mais certo e rápido de terminar com aquele banho de emoções vindas da Vermelha era atraí-la para junto dele, afastando-a do que a estivesse fazendo sofrer. Não que ele se importasse por ela estar sofrendo. Isso nunca.

– Eu invoco o poder do espírito dos imortais ancestrais, que me pertence por direito de nascença – Rephaim falou rapidamente. Ignorando a dor em seu corpo combalido, extraiu energia das mais profundas sombras da noite e então canalizou este poder através de si, carregando-o de imortalidade. O ar que o cercava cintilou ao ganhar uma radiância de tom escarlate-escuro. – Pela força imortal de meu pai, Kalona, que semeou meu sangue e meu espírito com poder, eu o mando para minha... – então suas palavras morreram. *Dele?* Ela não era nada *dele*. Ela era... ela era... – A Vermelha! Grande Sacerdotisa Vermelha daqueles que estão perdidos – ele finalmente conseguiu dizer. – Ela está ligada a mim pelo sangue por causa da Carimbagem e da dívida de vida. Vá para ela. Fortaleça-a. Traga-a para mim. Pela parte imortal de meu ser, eu ordeno!

A névoa vermelha se espalhou instantaneamente, voando para o sul, voltando por onde ele viera. Voltando para encontrá-la.

Rephaim ficou olhando para a névoa que se afastava. E esperou.

Stevie Rae

Stevie Rae acordou sentindo-se uma grandessíssima porcaria. Bem, na verdade ela estava se sentindo uma grandessíssima porcaria estressada.

Estava Carimbada com Rephaim.

Quase morrera queimada naquele telhado.

Por um segundo, lembrou-se daquele excelente episódio da segunda temporada de *True Blood*, na qual Godric se deixara queimar em um telhado fictício. Stevie Rae soltou um riso debochado.

– Na tevê parecia bem mais fácil.

– O quê?

– Caraca! Caramba, Dallas! Você quase me faz cair dura de susto – Stevie Rae agarrou o lençol branco tipo de hospital com o qual estava coberta.
– Que diabo você está fazendo aqui?

Dallas fechou a cara.

– Nossa, Stevie Rae, relaxe. Cheguei pouco depois do anoitecer para ver como você estava, e Lenobia me disse que não teria problema eu ficar aqui um pouquinho caso você acordasse. Você está assustada pra caramba.

– Eu quase morri. Acho que tenho direito de estar assustada *pra caramba*.

Dallas pareceu se arrepender de imediato. Ele puxou a cadeirinha mais para perto e segurou a mão dela.

– Foi mal. Você tem razão. Desculpe. Fiquei muito assustado quando Erik contou pra todo mundo o que aconteceu.

– O que Erik disse?

Seus olhos castanhos endureceram.

– Que você quase morreu queimada naquele telhado.

– É, foi estupidez demais. Tropecei, caí e bati com a cabeça – Stevie Rae teve de desviar o olhar do dele ao falar. – Quando acordei, estava quase tostada.

– Palhaçada.

– O quê?

– Guarde esse papo furado para Erik, Lenobia e os demais. Aqueles desgraçados tentaram te matar, não foi?

– Dallas, eu não sei do que você está falando – ela tentou tirar a mão da dele, mas ele a segurou com força.

– Ei – ele falou de um jeito mais suave e tocou o rosto dela, trazendo de volta seus olhos para os dele. – Estamos só nós aqui. Você pode me contar a verdade, prometo que fico de bico calado.

Stevie Rae soltou um longo suspiro.

– Não quero que Lenobia nem ninguém mais fique sabendo, principalmente os novatos azuis.

Dallas fitou-a longamente antes de falar.

– Não vou contar nada a ninguém, mas você tem que saber que acho que está cometendo um grande erro. Você não pode ficar protegendo esses caras.

– Não estou protegendo! – Stevie Rae reclamou. Desta vez, segurou firme a mão quente e segura de Dallas, tentando fazê-lo entender através do toque algo que ela nunca saberia dizer com palavras. – Eu só quero resolver isso, tudo isso, do meu jeito. Se todo mundo souber que eles armaram aquela armadilha para mim, a coisa vai sair das minhas mãos – e *se Lenobia pegar Nicole e seu pessoal e eles contarem tudo sobre Rephaim?* Só de pensar nessa possibilidade apavorante, ela sentia-se abatida pelo sentimento de culpa.

– E o que vai fazer com eles? Você não pode deixar por isso mesmo.

– Não vou deixar. Mas eles são responsabilidade minha, e sou eu quem vai resolver o problema.

Dallas sorriu. – Você vai meter a porrada neles, né?

– Tipo isso – Stevie Rae respondeu, mas não fazia a menor ideia de que atitude tomaria. Então mudou de assunto bruscamente. – Ei, que horas são? Tô morrendo de fome.

O sorriso de Dallas virou risada quando ele se levantou.

– Esta sim é a minha garota! – ele beijou sua testa e se voltou para o frigobar encaixado em uma prateleira metálica do outro lado do recinto.

– Lenobia me disse que tem uns saquinhos de sangue aqui. E também que, se você dormisse profundamente e se recuperasse logo, acabaria acordando com fome.

Enquanto ele foi pegar os saquinhos de sangue, Stevie Rae se sentou e cautelosamente deu uma olhada para as costas de sua camisola de hospital,

fazendo uma careta ao se movimentar com certa dificuldade. Ela esperava pelo pior. Sem brincadeira, suas costas estavam mais tostadas do que um hambúrguer quando Lenobia e Erik a puxaram do buraco que ela fizera na terra. Puxaram-na para longe de Rephaim.

Não pense nele agora. Concentre-se apenas em...

– *Aimeudensdocéu* – Stevie Rae sussurrou, estupefata, ao ver o estado da parte das costas que seus olhos alcançaram. Não estava mais parecendo hambúrguer tostado. As costas estavam lisas e rosadas. Como se ela tivesse se bronzado demais, mas lisa e novinha em folha, feito pele de bebê.

– Isso é impressionante – a voz de Dallas soou abafada. – Um verdadeiro milagre.

Stevie Rae levantou o rosto para fitá-lo. Seus olhares se encontraram e assim permaneceram.

– Você me apavorou pra valer, garota – ele disse. – Não faz mais isso, tá?

– Vou fazer o possível – ela respondeu docemente.

Dallas se inclinou e, com cuidado, usando apenas as pontas dos dedos, tocou a pele rosada fresca na parte de trás do ombro dela.

– Ainda dói?

– Não muito. Só tô com a pele meio dura.

– Impressionante – ele repetiu. – Tipo, eu sei que Lenobia disse que você ia se curar ao dormir, mas você estava muito queimada mesmo, e eu não esperava nada como...

– Quanto tempo fiquei dormindo? – ela o interrompeu, tentando imaginar as consequências caso Dallas dissesse que ela tinha passado dias e mais dias apagada. *O que Rephaim ia pensar se ela não aparecesse? E, pior ainda, o que ele faria?*

– Só um dia.

Ela ficou aliviada.

– Um dia? É mesmo?

– É... Bem... Anoiteceu faz umas duas horas, então tecnicamente você dormiu mais do que um dia inteiro. Eles a trouxeram de volta para cá ontem, depois de o sol se pôr. Foi bem dramática a cena. Erik entrou com o Hummer pelo terreno, derrubando uma cerca e parando dentro do celeiro de Lenobia. Então veio todo mundo correndo para trazer você aqui para a enfermaria.

– É, eu conversei com Z. no Hummer quando a gente estava voltando para cá, e eu estava me sentindo quase bem, mas depois foi como se alguém

tivesse acendido as luzes em cima de mim. Acho que desmaiei.

– Eu sei que você desmaiou.

– Bem, que pena – Stevie Rae se permitiu sorrir. – Eu bem que gostaria de ver esse drama todo.

– É – ele devolveu o sorriso –, foi o que pensei quando me convenci de que você não ia morrer.

– Eu não vou morrer – ela disse com firmeza.

– Bem, fico feliz de ouvir isso – Dallas se curvou, abarcou o queixo dela com a mão em concha e a beijou nos lábios com ternura.

Reagindo de maneira estranha e automática, Stevie Rae se afastou dele.

– Ahn, e aquele saquinho de sangue? – ela disse rapidamente.

– Ah, é – Dallas procurou não ligar para a rejeição de Stevie Rae, mas, ao lhe entregar o saco de sangue, sentiu que estava com as bochechas rosadas demais. – Desculpe, agi por impulso. Sei que você está ferida e não está no clima de, hummmm, bem, você sabe... – sua voz foi sumindo, e ele pareceu super sem graça.

Stevie Rae sabia que devia dizer alguma coisa. Afinal, rolava um *clima* entre eles. Ele era doce e inteligente, e dera provas de compreensão ao ficar lá, parecendo lamentar o episódio e meio que abaixando a cabeça daquele seu jeito adorável de garotinho lindo. E ele era mesmo lindo. Alto e magro, com a quantidade certa de músculos, cabelos grossos cor de areia. Na verdade, ela gostava de beijá-lo. Pelo menos, antes gostava.

Será que não gostava mais?

Uma sensação de estranho desconforto a impediu de encontrar as palavras que o ajudariam a se sentir melhor. Então, em vez de falar, Stevie Rae pegou o saquinho da mão dele, rasgou a ponta e o levantou, deixando o sangue descer pela garganta e se espalhar pelo seu estômago para energizar o resto do corpo como se fosse uma superdose daquelas bebidas energéticas.

Não queria fazer comparações, mas, em algum ponto bem no fundo de si mesma, Stevie Rae comparou a diferença entre a sensação de beber esse sangue normal, mortal e comum, com a de beber o sangue de Rephaim, que foi como ser atingida por um raio de energia e calor.

Sua mão tremeu um pouquinho quando limpou a boca e finalmente olhou para Dallas.

– Melhor agora? – ele perguntou, aparentemente sem se deixar abalar pelo clima estranho que havia acabado de rolar entre os dois e retomando seu

jeito doce e familiar de sempre.

– Pode me arrumar mais um saquinho?

Ele sorriu e lhe passou mais um saco de sangue.

– Tá na mão, garota.

– Valeu, Dallas – ela parou antes de virar o segundo saco. – Não me sinto cem por cento em forma no momento, tá ligado?

Dallas assentiu. – Eu sei.

– Tá tudo bem entre nós?

– Tá – ele disse. – Você estando bem, nós estamos bem.

– Bom, isso vai ajudar – Stevie Rae estava levantando o saquinho para beber o sangue quando Lenobia entrou na enfermaria.

– Oi, Lenobia. Olha só, a Bela Adormecida finalmente acordou – Dallas disse.

Stevie Rae sugou a última gota de sangue do saco e se voltou para a porta, mas o sorriso do tipo “oi, tudo bem” que colocou no rosto congelou assim que ela bateu os olhos em Lenobia.

A Mestra dos Cavalos andara chorando. Muito.

– *Aimendous*, o que foi? – Stevie Rae ficou tão abalada ao ver a professora, normalmente tão forte, em prantos, que sua primeira reação foi dar uns tapinhas no colchão, convidando-a para se sentar ao seu lado como sua mãe costumava fazer quando ela se machucava e a procurava chorando para que fizesse um curativo.

Lenobia entrou na enfermaria com passos desajeitados. Mas não se sentou na cama de Stevie Rae. Parou ao pé da cama e respirou fundo, como se estivesse se preparando para fazer algo realmente terrível.

– Quer que eu saia? – Dallas perguntou, hesitante.

– Não. Fica. Ela pode precisar de você – a voz de Lenobia estava embotada e carregada de lágrimas. Ela olhou nos olhos de Stevie Rae. – A Zoey. Aconteceu uma coisa com ela.

Stevie Rae sentiu uma pontada de medo nas vísceras, e as palavras lhe escaparam antes que pudesse impedir.

– Ela está bem! Eu falei com ela, lembra? Quando estávamos saindo da estação abandonada, antes de eu ser atacada pela luz do dia, pela dor e tudo mais, antes de eu desmaiar. Isso foi ontem mesmo.

– Erce, minha amiga que trabalha como assistente do Conselho Supremo, vem tentando entrar em contato comigo faz horas. Fiz a besteira de

esquecer o celular no Hummer, de modo que só fui falar com ela agora. Kalona matou Heath.

– Merda! – Dallas ofegou.

Stevie Rae o ignorou e olhou fixo para Lenobia. *O pai de Rephaim matou Heath!* O medo enjoativo que estava tomando conta de suas vísceras piorava a cada segundo.

– Zoey não morreu. Eu saberia se ela tivesse morrido.

– Zoey não morreu, mas viu Kalona matar Heath. Tentou impedir, mas não conseguiu. Ela se despedaçou, Stevie Rae – lágrimas escorreram pelo rosto de porcelana de Lenobia.

– Despedaçou? Como assim?

– Isso quer dizer que seu corpo ainda respira, mas sua alma partiu. Quando a alma de uma Grande Sacerdotisa se despedaça, é mera questão de tempo até seu corpo também abandonar este mundo.

– Abandonar? Não sei do que você está falando. Está tentando me dizer que ela vai desaparecer?

– Não – Lenobia disse, nitidamente em frangalhos. – Ela vai morrer.

A cabeça de Stevie Rae começou a balançar de um lado para outro, de um lado para outro.

– Não. Não. Não! Temos que trazê-la para cá. Ela vai melhorar.

– Mesmo que seu corpo volte para cá, Zoey não vai voltar, Stevie Rae. Você tem que se preparar para isso.

– Não vou me preparar! – Stevie Rae berrou. – Não posso! Dallas, me dá minha calça e minhas coisas. Tenho que sair daqui. Tenho que dar um jeito de ajudar Z. Ela não desistiu de mim, e eu não vou desistir dela.

– Mas isso não tem a ver com você – Dragon Lankford falou da porta aberta do quarto da enfermaria. Seu rosto forte estava tenso e abatido por causa da perda recente de sua companheira, mas sua voz estava calma e firme. – A questão é que Zoey passou por uma perda insuportável. E eu sei o que é isso. Quando a perda esfacela a alma, a trilha de volta ao corpo se rompe, e sem espírito o corpo morre.

– Não, por favor. Não pode ser. Isso não pode estar acontecendo – Stevie Rae lhe disse.

– Você é a primeira vampira vermelha Grande Sacerdotisa. E tem de arrumar forças para aceitar esta perda. Seu pessoal vai precisar de você – Dragon disse.

– Não sabemos para onde Kalona foi nem qual foi a participação de Neferet nisso tudo – Lenobia continuou.

– O que sabemos é que a morte de Zoey seria o momento perfeito para eles nos atacarem – Dragon acrescentou.

A morte de Zoey... As palavras reverberaram pela mente de Stevie Rae, deixando um rastro de perplexidade, medo e desespero.

– Seus poderes são vastos. Sua pronta recuperação é prova disso – Lenobia disse. – E nós precisaremos de todo poder de que pudermos nos valer para encarar as Trevas que sei vão se abater sobre nós.

– Controle seu pesar – Dragon disse. – E assumo o lugar de Zoey.

– Ninguém pode ser Zoey! – Stevie Rae gritou.

– Não estamos lhe pedindo que seja ela. Só que nos ajude a preencher o vazio que ela deixa – Lenobia disse.

– Tenho... tenho que pensar – Stevie Rae respondeu. – Será que vocês podem me deixar um pouquinho sozinha? Quero me vestir e pensar.

– Claro – Lenobia respondeu. – Estaremos no Salão do Conselho. Encontre-nos lá quando estiver pronta – ela e Dragon saíram da enfermaria em silêncio, deprimidos, mas firmes.

– Ei, você está bem? – Dallas foi para perto de Stevie Rae e segurou sua mão.

Ela só o deixou tocar sua mão por um momento, apertou-a e rapidamente tirou a dela.

– Preciso das minhas roupas.

– Eu as encontrei naquele armário – Dallas indicou com a cabeça as cabines do outro lado da enfermaria.

– Ótimo, obrigada – Stevie Rae disse rapidamente. – Você pode sair para eu me vestir.

– Você não respondeu minha pergunta – ele disse, observando-a de perto.

– Não. Eu não estou bem, e não vou ficar bem enquanto continuarem dizendo que Z. vai morrer.

– Mas, Stevie Rae, até eu já ouvi falar sobre o que acontece quando a alma deixa o corpo. A pessoa morre – ele retrucou, nitidamente tentando dizer com gentileza aquelas palavras duras.

– Desta vez, não vai morrer – Stevie Rae disse. – Agora, saia para eu me vestir.

Dallas suspirou.

– Vou ficar esperando lá fora.

– Tá. Não vou demorar.

– Sem pressa, garota – Dallas disse suavemente. – Não me importo de esperar.

Mas, assim que a porta se fechou, Stevie Rae não pulou para se vestir como tinha dado a entender. Na verdade, ocupou-se em, valendo-se da memória, virar as páginas do *Manual do Novato 101* e parar em uma história supertriste de uma Grande Sacerdotisa ancestral cuja alma se despedaçou. Stevie Rae não conseguia se lembrar do que causara o despedaçamento da aura da Sacerdotisa – na verdade, não se lembrava muito da história –, só se lembrava de que a Grande Sacerdotisa acabou morrendo. Tinham feito de tudo para salvá-la, mas não adiantou nada, a Grande Sacerdotisa morreu.

– A Grande Sacerdotisa morreu – Stevie Rae sussurrou. E Zoey nem era uma Grande Sacerdotisa feita. Tecnicamente, ainda era uma novata. Como ela poderia esperar reverter algo que chegara a matar uma Grande Sacerdotisa feita?

A verdade era que isso não seria possível.

Não era justo! Todo mundo havia passado por tantas coisas, e agora Zoey simplesmente morria? Stevie Rae não queria acreditar naquilo. Ela queria lutar, gritar e dar um jeito de salvar sua melhor amiga, mas como? Z. estava na Itália, e ela, em Tulsa. Caramba! Stevie Rae não conseguia dar jeito nem em um bando de novatos vermelhos pentelhos. Quem era ela para achar que podia dar jeito em uma tragédia como a de Z. estar com a alma deslocada do corpo? Sequer conseguia dizer a verdade e assumir que estava Carimbada com o filho da criatura que causara todas essas coisas horrorosas.

A tristeza se abateu sobre Stevie Rae. Ela se dobrou para dentro de si mesma, abraçou o travesseiro e, enrolando sem parar uma mecha loura de cabelo com o dedo, como tinha o hábito de fazer quando era pequena, começou a chorar. Foi levada pelo pranto e afundou o rosto no travesseiro para que Dallas não a ouvisse chorando, perdendo-se no medo, no estupor e no mais completo e avassalador desespero.

No momento em que estava se entregando ao pior, o ar oscilou ao seu redor, quase como se alguém tivesse aberto a janela da enfermaria.

Primeiro ela ignorou, perdida demais em lágrimas para se importar com uma idiotice como uma brisa fria. Mas a coisa era insistente. Ela tocou a pele

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Queimada (Série House of Night 7)" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).